

IRREDUTIBILIDADE ONTOLÓGICA DA CONSCIÊNCIA E DUALISMO DE PROPRIEDADES NO NATURALISMO BIOLÓGICO DE JOHN SEARLE

ONTOLOGICAL IRREDUCIBILITY OF CONSCIOUSNESS AND PROPERTY DUALISM IN JOHN SEARLE'S BIOLOGICAL NATURALISM

Tárik de ATHAYDE PRATA*
Universidade Federal de Pernambuco (Brasil)

RESUMO: O artigo defende a tese de que a irredutibilidade ontológica que Searle atribui à consciência envolve o naturalismo biológico (proposto por ele como uma solução para a *parte conceitual* do problema mente-corpo) em diversas incoerências, especialmente no que diz respeito ao tema da causação mental. Após uma apresentação das teses básicas da teoria (seção 2), são discutidos os problemas que a tese da irredutibilidade ontológica gera para a visão de Searle sobre a causação mental (seção 3), e as incoerências decorrentes dessa tese (seção 4). A conclusão é que o modo como Searle concebe a irredutibilidade ontológica da consciência é uma fonte de problemas para o naturalismo biológico.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência, Redução, Irredutibilidade, Causação mental, Dualismo de propriedades.

*Doutor em Filosofia pela Ruprecht-Karl Universität Heidelberg (Alemanha). Correio eletrônico: tarik.de_athayde_prata@alumni.uni-heidelberg.de Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) 15º andar, Avenida Prof. Moraes Rego, sem número, CEP: 50.740-550, Cidade Universitária Recife – PE, BRASIL.

ABSTRACT: This paper sustains the thesis that the ontological irreducibility that Searle ascribes to consciousness involves biological naturalism (proposed as a solution to the *conceptual part* of the mind-body problem) in many inconsistencies, especially with regard to the subject of mental causation. After a presentation of the basic theses of the theory (section 2), the troubles that the thesis of ontological irreducibility creates for Searle's view of mental causation are discussed (section 3), as well as the inconsistencies that arise from this thesis (section 4). The conclusion is that the way Searle conceives the ontological irreducibility of consciousness is a source of troubles for biological naturalism.

KEYWORDS: Consciousness, Reduction, Irreducibility, Mental causation, Property dualism.

1. Introdução

Há quatro décadas, John Rogers Searle, um dos filósofos mais conhecidos e influentes da atualidade (cf. Fotion, 2000, p. 2; Grewendorf & Meggle, 2002, p. vii; Smith, 2003, p. i), apresenta uma concepção dos fenômenos mentais que tem sido reiteradamente defendida ao longo de suas obras, mas que – a despeito da grande influência dele sobre a filosofia da linguagem (cf. Tsohatzidis, 2007) e sobre a chamada filosofia dos fenômenos sociais (cf. Gilbert, 2007, p. 31) – não foi tão bem recebida pelos filósofos da mente.

Como será discutido a seguir, muitas foram as críticas e objeções a essa teoria dos fenômenos mentais, o que não impediu Searle de defendê-la até os dias de hoje. É curioso notar que ele caracteriza sua concepção como uma “solução simples” (Searle, 1984, p. 14; Searle, sem data, p. 18; Searle, 1992, p. 1; Searle, 1997, p. 7). Mas a verdade é que Searle atribui essa, suposta, simplicidade, a *um certo aspecto* do problema mente-corpo, pois, segundo ele, esse problema envolve dois tipos de dificuldades: as empíricas e as conceituais. Nas palavras de Searle:

A parte *filosófica* (embora não a parte *neurobiológica*) do tradicional problema mente-corpo tem uma solução razoavelmente simples e óbvia: todos os nossos fenômenos mentais são causados por processos cerebrais de nível

inferior no cérebro e são eles mesmos realizados no cérebro como características de nível superior, ou sistêmicas (Searle, 2002b, p. 57, grifos meus).¹

Evidentemente, as dificuldades empíricas, que dizem respeito à estrutura e ao funcionamento do complexo sistema nervoso central em sua relação com o aparecimento da consciência, são enormes, e Searle admite que será necessário ainda um enorme esforço para que, eventualmente, seja possível superá-las, e admite, inclusive, a possibilidade que elas, no fim, se mostrem insuperáveis (cf. Searle, 2002a, p. 43; Searle, 2010, p. 62-3).

Mas é claro que a meta dele não é contribuir diretamente para os estudos empíricos que tentam obter uma explicação neurobiológica da produção da consciência por meio da atividade cerebral. Searle não é um neurocientista. O objetivo dele é desenvolver instrumentos conceituais que eliminem o aparente mistério filosófico em torno dessa explanação da consciência através de processos cerebrais: “eu não posso superar nossa ignorância neurobiológica, mas posso ao menos tentar superar nossa confusão conceitual” (Searle, 2002b, p. 58). Tais instrumentos conceituais, supostamente capazes de prover a solução da parte filosófica do problema mente-corpo, são as noções de *causação* e de *realização* – ou, mais precisamente, de *característica realizada em um sistema*.²

Já na época da publicação de seu famoso artigo *Mentes, cérebros e programas* (Searle, 1980a, 1996), que é até hoje sua contribuição mais influente à filosofia da mente (cf. Preston & Bishop, 2002; Moural, 2003), ele traçou as linhas fundamentais da mesma teoria que encontramos em seus escritos mais recentes. As premissas dessa teoria “são coisas como: que as pessoas têm estados mentais como crenças, desejos e experiências visuais, que elas também têm cérebros, e que

¹ Já em seu livro *Intencionalidade: um ensaio em filosofia da mente* (1983), ele havia afirmado: “Os problemas empíricos e conceituais para se descrever as relações entre fenômenos mentais e o cérebro são incrivelmente complexos, e o progresso, a despeito de muitas declarações otimistas, tem sido agonizantemente lento. Mas a natureza lógica dos *tipos* de relação entre a mente e o cérebro não me parecem ser, nesse sentido, absolutamente misteriosas e incompreensíveis.” (Searle, 1983, p. 267; Searle, 1995a, p. 370). No meu modo de entender, isso significa que o naturalismo biológico era pensado, desde essa época, como um *esquema conceitual geral*, a partir do qual uma solução empírica poderia vir a ser articulada.

² A respeito da solução (conceitual) do problema mente-corpo, Searle afirma: “Estados conscientes são causados por processos de nível inferior no cérebro e são, eles mesmos, características de nível superior do cérebro. As noções-chave aqui são as de *causa* e de *característica*.” (Searle, 2002a, p. 9; Searle, 2010, p. 4).

seus estados mentais são os *produtos causais da operação de seus cérebros*.” (Searle, 1980b, p. 453, grifos meus).

A despeito do fato de que a tese de uma suposta relação *causal* entre processos cerebrais e fenômenos mentais seja fortemente criticada por diversos intérpretes (cf. Thompson, 1986, p. 95; Armstrong, 1991, p. 150; Churchland, 1994, p. 14; Kim, 1995, p. 194; Kim, 2014, p. 134), ela é decisiva para Searle, porque tal relação causal tornaria possível a *explicação causal* da existência dos fenômenos mentais e suas características³ – consciência, intencionalidade, subjetividade e eficácia causal, entre outras – nos mesmos termos em que formulamos explicações de outras propriedades sistêmicas da natureza (cf. Searle, 1984, p. 22; Searle, sem data, p. 28).

Um outro elemento presente desde as origens da teoria é a postura *realista* que Searle adota em relação aos fenômenos mentais (cf. Searle, 1983, p. 262; Searle, 1995a, p. 363). Ele não os pensa como disposições comportamentais, como algo que depende da atitude de um observador externo, nem como algo inexistente que se mostraria uma mera *ilusão*, ou que poderia ser reduzido a fenômenos físicos mais fundamentais. Na medida em que surgem do funcionamento causal da microestrutura do cérebro, os fenômenos mentais seriam algo tão real como quaisquer outros aspectos de nossa biologia. Segundo ele:

Estados mentais são tão reais quanto outros fenômenos biológicos. Eles são causados e realizados no cérebro. Isso não é mais misterioso do que o fato de propriedades como elasticidade e a resistência a perfurações de um pneu de carro cheio são causadas e realizadas na microestrutura (Searle, 1980b, p. 455).

Mas essa concepção das relações entre mente e cérebro, que seria batizada⁴ no capítulo final do livro *Intencionalidade: um ensaio em filosofia da mente* (1983) com o nome de “naturalismo biológico” (Searle, 1983, p. 264; Searle, 1995a, p. 366), no fundo, está carregada de diversas ambiguidades e incoerências, pois,

³ Sobre o conceito searleano de *explicação causal*, cf. Prata (2008, pp. 9-11), Prata (2009a, pp. 149-152), Prata (2009b, pp. 139-140), Prata (2020a, pp. 141-143).

⁴ Ainda que Searle já tenha defendido a teoria que ele batizou de “naturalismo biológico” no texto *Intrinsic Intentionality* (cf. Searle, 1980b) – por exemplo quando ele fala de “fenômenos mentais existentes e outros fenômenos naturais” (Ibid., p. 452), ou quando ele afirma que “estados mentais são os produtos causais da atividade dos (...) cérebros” (Ibid., p. 453) – o rótulo (*label*) “naturalismo biológico” só surgiu – até onde eu sei – no capítulo final de *Intencionalidade*.

ao mesmo tempo em que o recurso à biologia sugere uma atitude fisicalista – como interpretaram Eccles (1980, p. 430), Place (1988, p. 208) e Schröder (1992, p. 101) – Searle vem enfatizando – especialmente após a publicação de *A redescoberta da mente* (1992) – que a realidade dos fenômenos mentais implica que eles não podem ser identificados com fenômenos ontologicamente objetivos (cf. Searle, 2007, p. 171) – o que sugere uma *dualidade ontológica* entre fenômenos subjetivos e objetivos (cf. Hodgson, 1994, p. 265).

Em outras palavras, a realidade da mente, que constatamos de modo imediato em nossas vivências cotidianas, inclui características distintivas que a tornam dependente de sujeitos *para existir*, pois a mente só existe quando é vivenciada por algum sujeito (cf. Searle, 2002a, pp. 40-41; Searle, 2010, pp. 58-59). Trata-se aqui de uma *ontologia* (isto é, de um modo de existência) essencialmente subjetiva, que, de acordo com o próprio Searle, diferencia a consciência de outros fenômenos naturais (cf. Searle, 1992, p. 93; Searle, 1997, p. 138), e torna impossível uma redução ontológica da mente a quaisquer fenômenos que existam de modo objetivo (como é o caso dos próprios processos cerebrais que, de acordo com Searle, causam os fenômenos mentais).

A tese defendida no presente trabalho é que essa dualidade entre o subjetivo e o objetivo dá origem a diversas incoerências no naturalismo biológico, de modo que a defesa de um modo de existência subjetivo da consciência se mostra *insustentável*. Ao defender a dualidade *ontológica* (cf. Searle, 1992, p. 117; Searle, 1997, p. 170) entre o subjetivo e o objetivo e a correspondente irredutibilidade da consciência a processos cerebrais (cf. Searle, 2007, p. 171), Searle abre caminho para que se possa deduzir de sua teoria asserções que são *contraditórias* com as próprias alegações dele a respeito da *causação mental*. Portanto, temos fortes razões para concluir que a irredutibilidade, nos termos específicos adotados por Searle, é uma fonte de problemas para o naturalismo biológico.

2. As teses fundamentais do naturalismo biológico

Para a devida compreensão dessa teoria da relação mente-corpo, é indispensável examinar cuidadosamente as *teses fundamentais* que a constituem. Ao longo de sua carreira, Searle expôs diversas vezes a sua teoria da relação mente-cérebro na forma de um conjunto de teses básicas (cf. Searle, 1994, p. 545; Searle, 1999, p. 53; Searle, 2000, pp. 56-7; Searle, 2004, pp. 113-14; 2007, pp. 170-71) e, nesse

procedimento, ele foi seguido por diversos de seus intérpretes (cf., por exemplo Corcoran, 2001, p. 309; Nida-Rümelin, 2002, p. 205; Revonsuo, 2018, p. 189). Em escritos relativamente recentes, ele formula a teoria em termos das seguintes teses:

(1) A consciência (subjetiva) é *ontologicamente irreduzível* a processos cerebrais (objetivos) (cf. Searle, 2004, p. 113; 2007, p. 170).

(2) A consciência é *causada* e, portanto, *causalmente redutível* a processos neurobiológicos (cf. Searle, 2004, p. 113; 2007, p. 171).

(3) A consciência é *realizada* no sistema cerebral (como uma propriedade de um nível superior – de complexidade) (cf. Searle, 2004, pp. 113-4; 2007, p. 171).

(4) A consciência funciona causalmente (cf. Searle, 2004, p. 114; 2007, p. 171).

A tese (1) – isto é, a irreduzibilidade ontológica da consciência – expressa a sua defesa da realidade dos fenômenos mentais, distanciando o naturalismo biológico do eliminacionismo (os fenômenos mentais são ilusões que devem ser *eliminadas* de nossa concepção ontológica), e indica claramente a rejeição do reducionismo por Searle. E já que a irreduzibilidade pode ser entendida de um modo que implica uma *diferença essencial* entre o mental e o físico, a tese (1) pode ser interpretada como um indício de que Searle, no fundo, adere ao dualismo de propriedades que ele tenta rejeitar, e muitos intérpretes são da opinião de que ele é um dualista (cf. Stich, 1987, p. 133; Hodgson, 1994, p. 265; Kemmerling, 1994, p. 438; Chalmers, 1996, p. 164).⁵

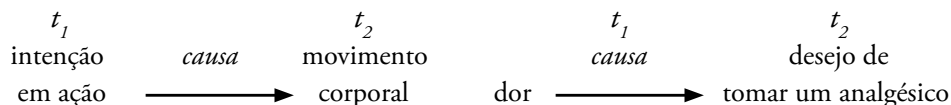
Já as teses (2) e (3), apontam na direção do fisicalismo, pois Searle entende a redução causal da consciência à atividade cerebral como uma consequência da circunstância de que a consciência é causada por essa atividade (cf. 1992, p. 115; Searle, 1997, p. 166), e entende que a redução causal tem duas consequências: (2a) que as características dos fenômenos conscientes são causalmente explicadas através de processos cerebrais; e (2b) que as capacidades causais da consciência são as mesmas capacidades causais dos processos no cérebro (cf. Searle, 2002b, p. 60; Searle, 2004, p. 119), enfatizando a importância da neurobiologia.

⁵ Sobre os indícios de que a concepção de Searle da relação mente-cérebro é *dualista*, cf. Prata (2011, pp. 572-74), Prata (2012a, pp. 265-69), Prata (2012b, pp. 418-20), Prata (2014, pp. 58-60) e Prata (2021).

No tocante à (3) realização da consciência, temos a distinção entre os níveis *micro* e *macro*, distinção que desempenha um importante papel nas ciências físicas, e essa distinção seria decorrente da *teoria atômica* da matéria: “Fundamental para o aparato explanatório da teoria atômica não é somente a ideia de que grandes sistemas são constituídos de sistemas pequenos, mas que muitos aspectos dos grandes podem ser *causalmente explicados* pelo comportamento dos pequenos” (Searle, 1992, p. 87; Searle, 1997, p. 129). Assim, os fenômenos mentais, no que são *propriedades sistêmicas* realizadas no nível macro, podem ser causalmente explicados em termos dos processos cerebrais no nível micro.

No que diz respeito à relação com as posições tradicionais no debate mente-corpo, a tese (4) não é um indício nem em uma direção nem em outra, já que ela pode ser defendida tanto por dualistas quanto por fisicalistas. Essa tese afirma a eficácia causal da consciência. Isso significa que os fenômenos mentais conscientes seriam capazes de causar modificações no mundo físico (como os movimentos voluntários de nossos corpos – cf. Searle, 1983, p. 270; Searle, 1995a, p. 374), bem como seriam capazes de causar modificações em nossa vida mental (cf. Searle, 1995b, p. 219). Podemos representar os dois casos da seguinte maneira (onde t_1 e t_2 são momentos sucessivos no tempo):

Figura 1: “A consciência é causalmente eficaz” (tese 4)



Como é bastante conhecido na literatura, quando a tese da eficácia causal da mente é defendida por dualistas, ela levanta uma série de problemas de difícil solução (cf. Kim, 1993, p. 339; Kim, 2005, p. 73; Searle, 1999, p. 47; Searle, 2000, p. 51)⁶, o que colocaria o naturalismo biológico em sérias

⁶ De acordo com a formulação de Anthony Kenny: “Seguindo os princípios de Descartes, é difícil ver como uma substância pensante sem extensão pode causar movimentos em uma substância extensa que não pensa, e como esta pode causar sensações em uma substância pensante sem extensão. As propriedades dos dois tipos de substâncias parecem colocá-las em categorias tão diversas que é impossível para elas interagir” (Kenny, 1968, pp. 222-223 apud. Kim, 2005, p. 74).

dificuldades, caso ele se revele como uma forma de dualismo ontológico a respeito da mente e do corpo (como veremos a seguir).

Se as teses (2) e (3) apontam na direção do fisicalismo e a tese (1) aponta na direção do dualismo, parece que o naturalismo biológico é uma teoria de coerência, no mínimo, questionável. É por isso que alguns intérpretes viram o naturalismo biológico como um híbrido de dualismo e fisicalismo (cf. Nagel, 1993, p. 40; Olafson, 1994, p. 255).⁷ E essas incoerências da teoria tem grande impacto na sua proposta sobre a *causação mental*. É bastante questionável se a teoria de Searle é capaz de explicar satisfatoriamente a eficácia causal que ele atribui aos estados mentais conscientes (assim como a eficácia que ele atribui aos estados mentais inconscientes – cf. Searle, 1992, pp. 164-66; Searle, 1997, pp. 236-38; Searle, 2004, pp. 240-244).⁸

3. Irredutibilidade ontológica e o problema da causação mental

A tese de que os fenômenos mentais conscientes são *realizados* no cérebro, enquanto sistema, já aproxima o naturalismo biológico do fisicalismo *não-reducionista*, já que o conceito de “realização” sugere um relacionamento entre o mental e o físico que não seria o da identidade pura e simples. A afirmação de que os fenômenos mentais conscientes “existem em um nível superior ao dos neurônios e sinapses” (Searle, 2004, pp. 113-114), indica que estaríamos lidando com diferentes níveis de complexidade, de modo que as propriedades ao nível do sistema não são idênticas às propriedades dos seus elementos.

Além disso, quando se diz que uma propriedade é *realizada* por outras, isso sugere que ela não pode ser identificada a um único tipo de propriedade microfísica, pois existiriam várias propriedades microfísicas capazes de, em diferentes contextos, *tornar possível* a instanciação daquela propriedade no nível macro.⁹ A propriedade que é “realizada” teria uma natureza, em certo sentido,

⁷ Para uma discussão sobre o modo como Searle parece mesclar dualismo e fisicalismo, cf. Prata (2009c).

⁸ Para algumas críticas sobre a concepção de Searle sobre a causação mental inconsciente, cf. Prata (2017a, pp. 211-214), Prata (2017b, pp. 391-397), Prata (2019, pp. 19-22), Prata (2020b, pp. 265-270), Prata (2020c, pp. 306-308), Prata (2022a, pp. 89-91), Prata (2022b, pp. 81-83).

⁹ De acordo com Searle: “decerto, algum outro sistema poderá causar processos mentais utilizando características químicas ou bioquímicas inteiramente diferentes das que o cérebro efetivamente usa. Pode ser que venha a descobrir-se que, noutros planetas ou noutros sistemas

abstrata, que poderia ser efetivada por várias propriedades microfísicas diferentes. Nesse sentido, o emprego do conceito de “realização” está em harmonia com o argumento da *múltipla realizabilidade* dos fenômenos mentais, que é um conhecido argumento a favor do anti-reducionismo (cf. Kim, 1993, p. 310).

O problema me parece ser que a forma como Searle concebe a irredutibilidade da consciência o afasta do fisicalismo não reducionista, aproximando-o de um dualismo mais radical. A tese (1), como já comentado acima, aproxima Searle do dualismo, já que a irredutibilidade ontológica da consciência a processos cerebrais seria decorrente do fato de que “as características de primeira pessoa são diferentes das características de terceira pessoa” (Searle, 1992, p. 117; Searle, 1997, p. 170), o que resulta em um dualismo de propriedades.¹⁰

A tese (1) se tornaria compatível com um fisicalismo não-redutivo se Searle for capaz de conceber as propriedades objetivas como, em certo sentido, mais fundamentais que as propriedades subjetivas.¹¹ Mas é difícil ver como isso seria possível, pois Searle defende haver uma *diferença ontológica* entre fenômenos subjetivos e objetivos (cf. Searle, 1992, p. 117; Searle, 1997, p. 170), ou seja, defende uma diversidade de *modos de existência* que, como coloca Kemmerling (1994, p. 438), é bem similar ao dualismo cartesiano.

E essa diferença ontológica tem como consequência que fenômenos subjetivos não possam ser *expressos* através de um vocabulário que designa fenômenos objetivos, de modo que os fenômenos subjetivos não podem ser *descritos* em termos desse tipo de vocabulário (cf. Searle, 2002b, p. 61). E, se é assim, então a existência de fenômenos mentais (subjetivos) sem a presença de qualquer substrato físico (objetivo) se torna *concebível*, como o próprio Searle admite (cf. Searle, 2004, p. 43). É importante destacar que, desde Descartes, a possibilidade de conceber a mente sem o corpo (cf. Descartes, 1979, pp. 79-80) tem sido o

solares, existem seres com estados mentais que utilizam uma bioquímica inteiramente diversa da nossa.” (Searle, 1984, p. 41; Searle, sem data, p. 50). Cf. também Searle (1980a, p. 422); Searle, (1996, p. 86); Searle (1999, p. 53); Searle (2000, p. 56).

¹⁰ Na seguinte passagem Searle soa exatamente como um dualista de propriedades: “A consciência é, portanto, um aspecto do cérebro, o aspecto que consiste em experiências ontologicamente subjetivas” (Searle, 2004, p. 128).

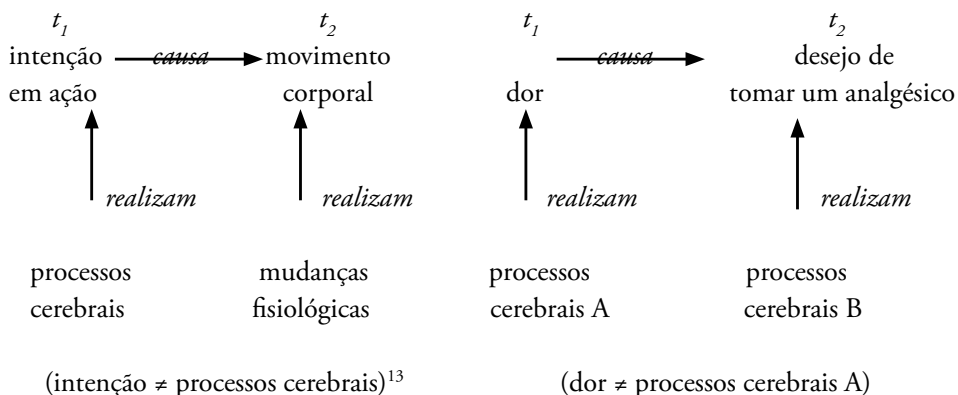
¹¹ “A maioria dos fisicalistas não-redutivos quer ir além da afirmação de que as propriedades mentais são instanciadas por sistemas físicos; eles querem defender uma tese de *primazia*, (...), das propriedades físicas em relação às propriedades mentais. A ideia principal aqui é que, a despeito de sua irredutibilidade, as propriedades mentais são em algum sentido forte dependentes de ou determinadas por propriedades físico-biológicas” (Kim, 1993, p. 340).

principal argumento dos dualistas, um tipo de argumento que é retomado na contemporaneidade por diversos autores, como por exemplo David Chalmers (1996, p. 123).

Embora Searle alegue que ele emprega uma versão mais fraca do argumento da possibilidade lógica, que não o comprometeria com o dualismo (cf. Searle, 2007, p. 177), entendo que ele não consegue se desvencilhar dessa concepção, pois ele quer evitar o dualismo através das *leis da natureza* (cf. Searle, 2004, pp. 129-130), e a necessidade de leis da natureza (necessidade *nomológica*) é mais *fraca* do que a necessidade *lógica* (cf. Chalmers, 1996, p. 36).¹²

As situações em que fenômenos mentais *causam* fenômenos físicos, ou outros fenômenos mentais, apresentadas na figura 1 acima, podem ser representadas de modo mais detalhado se a relação de *realização* for incluída no esquema, formando uma figura como a seguinte (onde a linha superior representa nível macro – de maior complexidade – e a linha inferior o nível micro – dos elementos constituintes do sistema):

Figura 2: “Estados conscientes são realizados como *propriedades do sistema cerebral*” (tese 3)



¹² Para maiores detalhes sobre como a tentativa de Searle para se diferenciar do dualismo *fracassa*, cf. Prata (2012a, pp. 265-269) e Prata (2021, pp. 47-49).

¹³ O símbolo de diferença, nessa figura, se refere a uma *negação* da identidade de tipos entre os fenômenos nos diferentes níveis (micro e macro). No caso da relação entre uma intenção em ação e um movimento corporal, entendo que Searle diria que o movimento, diferente da intenção, pode ser considerado *idêntico* às mudanças fisiológicas subjacentes, pois tanto o movimento quanto as mudanças fisiológicas possuem uma ontologia *objetiva*. Já no caso da intenção em ação, ela não é idêntica aos processos cerebrais, por que estes são

(movimento \neq mudanças fisiológicas) (desejo \neq processos cerebrais B)

Uma vez que muitos tipos de propriedades diferentes no nível micro poderiam realizar as propriedades sistêmicas no nível macro (desde que os elementos do sistema estivessem devidamente articulados), as propriedades nos dois níveis não poderiam ser *idênticas* entre si, ou seja, já que diferentes realizadores podem estar presentes no nível inferior, nenhum deles pode ser *identificado* (enquanto tipo) com a propriedade realizada no nível superior.¹⁴ Evidentemente, esse resultado converge com o conteúdo da tese (1), segundo a qual a consciência é ontologicamente irreduzível. O problema, como discutido acima, é que a tese (1) é excessivamente forte, tornando-a incompatível com qualquer fisicalismo.

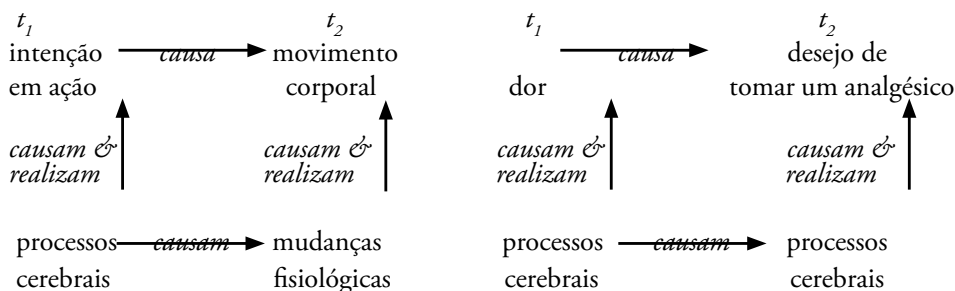
A segunda tese básica do naturalismo biológico acrescenta à realização das propriedades do sistema pelo conjunto organizado de seus microelementos uma *relação causal* entre estes elementos e aquelas propriedades, relação causal que ocorreria sincronicamente. Ao mesmo tempo em que a articulação dos microelementos realiza as propriedades do sistema (como conjuntos de neurônios realizam os fenômenos mentais), a instanciação das propriedades desses elementos *causa* a instanciação das propriedades do sistema, sem nenhuma lacuna temporal.

Mas se os fenômenos no nível superior são realizados (e causados) pelos fenômenos do nível inferior, e se as capacidades causais nos dois níveis são exatamente as mesmas (cf. Searle, 2004, pp. 127-128), é forçoso que haja uma relação causal também entre os fenômenos de nível micro. Os fenômenos no nível superior (p. ex., fenômenos mentais e movimentos corporais) são realizados por certos sistemas (sistema nervoso e sistema motor) e causados pelas atividades de seus elementos. Como esses fenômenos ocorrem exatamente ao mesmo tempo em que ocorrem os fenômenos de nível inferior que os causam (p. ex., processos cerebrais e mudanças fisiológicas), e como as capacidades causais nos dois níveis são as mesmas, temos de reconhecer também a existência de uma relação causal entre os fenômenos no nível inferior (representadas pelas setas horizontais inferiores):

ontologicamente *objetivos*, ao passo que a intenção é ontologicamente *subjetiva*. (Agradeço a um avaliador anônimo por uma observação a esse respeito).

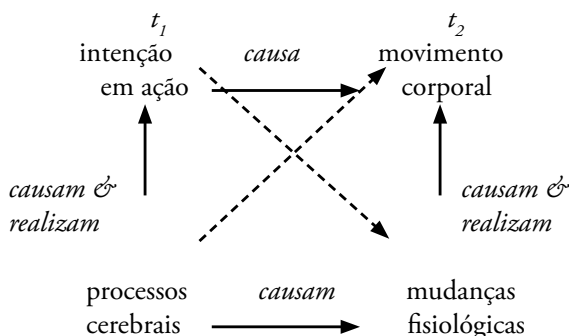
¹⁴ Já no seu famoso artigo *Mentes, cérebros e programas* (1980a, 1996), Searle havia declarado: “de fato seria possível produzir consciência, intencionalidade e tudo o mais usando princípios químicos diferentes dos usados por seres humanos. Como eu disse, é uma questão empírica.” (Searle, 1980a, p. 422; Searle, 1996, p. 86).

Figura 3: “Estados de consciência são causados e realizados pelos processos no cérebro” (tese 2 e 3)



Mas, evidentemente, isso não é tudo, pois se temos em cada tempo, t_1 e t_2 , fenômenos de nível inferior causando e realizando fenômenos de nível superior, sem lacuna temporal, faz todo o sentido falar de relações causais, por assim dizer, “diagonais”, ou seja, faz todo o sentido dizer que os fenômenos de nível inferior em t_1 causam os fenômenos de nível superior em t_2 , ou que os fenômenos de nível superior em t_1 causam os fenômenos de nível inferior em t_2 . Tais relações “diagonais”, como seria de se esperar, são plenamente admitidas por Searle (cf. Searle, 1983, p. 270; Searle, 1995a, p. 375), o que nos permite traçar a seguinte figura:

Figura 4: Identidade das *capacidades causais*¹⁵ e identidade dos *próprios fenômenos* em questão



¹⁵ Sobre a maneira como Searle sugere uma *identidade* entre as capacidades causais da consciência e do cérebro, cf. Prata (2008, pp. 11-13), Prata (2009a, pp. 159-63), Prata & Lima Filho (2013, pp. 198-204).

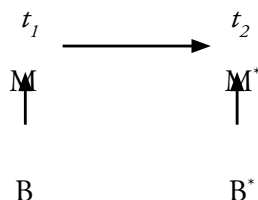
É interessante notar que, se tais setas diagonais podem ser traçadas na figura, isso significa que é razoável dizer, na teoria de Searle, que processos cerebrais causam nossas ações (tais como movimentos corporais), coisa que ele não tem nenhuma dificuldade em aceitar: “Embora nós saibamos pouco sobre como a ação intencional se origina no cérebro, nós sabemos que mecanismos neurais estimulam movimentos musculares” (Searle, 1983, pp. 269-270; Searle, 1995a, p. 374). Sendo assim, começa a se delinear uma dificuldade, pois o fenômeno no nível superior em t_2 (o movimento corporal) parece ter *duas causas*: tanto o fenômeno no nível superior em t_1 (a intenção em ação) quanto o fenômeno no nível inferior em t_1 (os processos cerebrais que causam e realizam a intenção em ação).

O problema da sobredeterminação causal no naturalismo biológico foi habilmente discutido por Jaegwon Kim (1995, pp. 193-94; Kim, 2014, p. 133-35). De acordo com ele, se considerarmos um evento mental como a instanciação de uma propriedade mental M (como a propriedade de ter uma intenção em ação, ou sentir uma dor), devemos, de acordo com o atual *fisicalismo não redutivo*, conceber a instanciação dessa propriedade mental como decorrente da instanciação de alguma propriedade biológica B.

Se atribuirmos poderes causais à propriedade M, como faz Searle, podemos distinguir duas situações possíveis: (a) M causa a instanciação de outra propriedade mental; ou (b) M causa a instanciação de uma propriedade física. O segundo caso é aquilo que se costuma chamar de “causação descendente” [*downward causation*], ou seja, causação do mental para o físico, enquanto o primeiro caso pode ser chamado de “causação de mesmo nível”.

Mas se pensarmos cuidadosamente sobre este último caso, em que a instanciação de uma propriedade mental M causa a instanciação de uma outra propriedade mental M*, perceberemos um problema, pois, segundo o fisicalismo não redutivo, M* também decorre de um evento biológico subjacente, a instanciação de alguma propriedade biológica B*, o que significa que a instanciação de M* parece ter *duas causas suficientes distintas*, a instanciação da propriedade mental M e a instanciação da propriedade biológica B*.

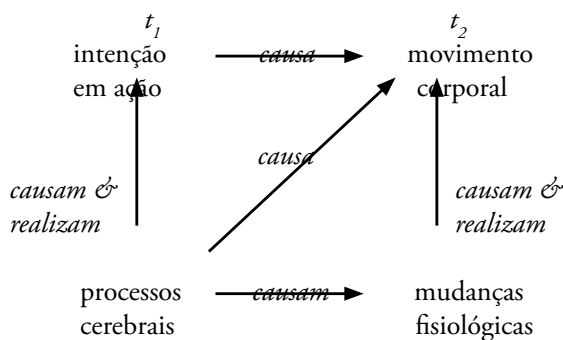
Figura 5: Sobredeterminação causal segundo Kim



Tal problema também se coloca para a concepção de Searle, que afirma haver uma relação causal simultânea entre os fenômenos no tempo t_2 , e afirma que o fenômeno no nível superior em t_2 é causado pelo fenômeno no nível superior em t_1 .

Mas acredito que o problema da sobredeterminação também se coloca no caso das relações “diagonais”, pois ele não vê problemas em aceitar que processos cerebrais causam movimentos corporais, ou que intenções em ação causam mudanças fisiológicas (cf. Searle, 1983, p. 270; Searle, 1995a, p. 375). Sendo assim, o movimento corporal em t_2 , além de ser causado pela intenção em ação em t_1 , tem de ser concebido também como causado pelo processo cerebral em t_1 que causa e realiza essa mesma intenção em ação:

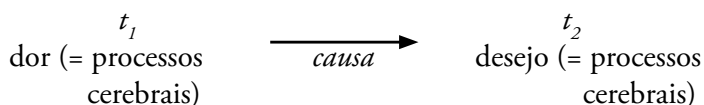
Figura 6: Sobredeterminação causal no naturalismo biológico



Se a consciência pudesse ser *identificada* com os processos cerebrais subjacentes ou, pelo menos, pudesse ser concebida como estando em algum tipo de *dependência forte* em relação aos processos cerebrais subjacentes (cf. Kim, 1993, p. 340), então esse problema da sobredeterminação causal não se colocaria.

Searle, inclusive, parece conceber uma *identidade* quando ele afirma, sobre um caso hipotético no qual uma *dor* causa um *desejo* de tomar uma aspirina: “Eu posso com razão dizer tanto que minha dor causou meu desejo quanto que sequências de descargas neuronais causaram outras sequências. Essas são duas descrições diferentes, embora consistentes, do mesmo sistema, dadas em níveis diferentes” (Searle, 1995b, p. 219). Tais colocações sugerem uma concepção que pode ser representada por meio da seguinte figura:

Figura 7: Identidade entre fenômenos mentais e processos cerebrais



Entretanto na contramão de colocações como essas, o *dualismo* de Searle se mostra muito firme. Quando ele afirma que a descrição de fatos objetivos *não é* uma descrição de fatos subjetivos (cf. Searle, 2002b, p. 61), pois as propriedades ontologicamente subjetivas e objetivas são *diferentes* (cf. Searle, 1992, p. 117; Searle, 1997, p. 170), ele está sustentando uma concepção na qual a sobredeterminação parece inevitável, como veremos a seguir.

4. Considerações finais: o dualismo de Searle e as incoerências do naturalismo biológico

Conforme exposto anteriormente (cf. a seção 2 acima), Searle formula o naturalismo biológico em termos de quatro teses fundamentais acerca do mental: (1) irredutibilidade ontológica, (2) redutibilidade causal, (3) realização como propriedade sistêmica e (4) eficácia causal. Se considerarmos que a irredutibilidade pode ser reformulada em termos da tese de que (1') a consciência *não é idêntica* a processos cerebrais, fica claro que essa irredutibilidade (pensada por Searle em termos muito fortes) é a fonte de diversas incoerências em sua teoria.

Tais incoerências emergem quando consideramos outras teses com as quais Searle está comprometido, pois ele admite que os processos cerebrais causam ações humanas (cf. Searle, 1983, pp. 269-270; Searle, 1995a, p. 374) e também nega a sobredeterminação causal (cf. Searle, 2002b, p. 62; Searle, 2004, pp. 206-11) apontada por Kim:

- (5) Processos cerebrais causam ações humanas.
- (6) As ações humanas não são sobredeterminadas.

Mas apesar dessa recusa da sobredeterminação, é perfeitamente legítimo deduzir o compromisso de Searle com esta, a partir de algumas das teses enunciadas acima, todas elas defendidas em seus escritos:

- (1') A consciência *não é idêntica* a processos cerebrais
- (4) A consciência é causalmente eficaz (sobre as ações humanas)
- (5) Processos cerebrais causam ações humanas

Segue-se (C_1): As ações humanas são sobredeterminadas [contradiz a tese (6)]

Pois se tanto (a) estados de consciência quanto (b) processos cerebrais causam ações humanas, em um determinado tempo t qualquer, e se (a) estados de consciência não são idênticos a (b) processos cerebrais (já que a consciência é irreduzível), então, sem dúvida, as ações humanas possuem, em cada tempo t em que elas ocorrem, *duas causas*. Mas, como vimos, Searle pretende negar essa conclusão (que claramente se segue de algumas das premissas de sua teoria). E se assumirmos essa negação como uma nova premissa (6), chegamos a uma outra conclusão que também é incompatível com outra tese fundamental do naturalismo biológico, a saber, a tese da eficácia causal da consciência:

- (1) A consciência *não é ontologicamente idêntica* a processos cerebrais
- (5) Processos cerebrais causam as ações humanas
- (6) As ações humanas não são sobredeterminadas

Segue-se (C_2): A consciência *não é* causalmente eficaz [contradiz a tese (4)]

Para que se possa deduzir essas conclusões (C_1) e (C_2), que contradizem as teses (6) e (4), respectivamente, a premissa da *não identidade* entre consciência e processos cerebrais é decisiva (cf. Prata, 2008, p. 22). Isso mostra como o dualismo de propriedades com o qual Searle está comprometido é a fonte mais profunda das incoerências de sua teoria.

Searle afirma que as propriedades subjetivas e objetivas são *diferentes* (cf. Searle, 1992, p. 117; Searle, 1997, p. 170), de maneira que “uma descrição

completa das características de terceira pessoa, objetivas, do cérebro não seria uma descrição de suas características de primeira pessoa, subjetivas” (Searle, 2002b, p. 61), o que, naturalmente, resulta em um anti-reductionsismo muito forte.

Para Searle: “porque a consciência tem uma ontologia de primeira pessoa, ela não pode ser reduzida a nada que tenha uma ontologia de terceira pessoa, tal como descargas neuronais” (Searle, 2007, p. 171). Assim, apesar de alegar que ele *não é* um dualista de propriedades, Searle está completamente comprometido com a ideia de que a consciência é um *aspecto ontologicamente subjetivo* do cérebro (cf. Searle, 2004, p. 128), o que é um claro compromisso com um dualismo de propriedades.

A alegação de Searle de que a *reducibilidade causal* da consciência evita o dualismo de propriedades (cf. Searle, 2002b, p. 60) *não* se sustenta porque a *explanabilidade causal*¹⁶, que decorre da redução causal (cf. Searle, 2004, p. 119), é muito *fraca* e, portanto, incapaz de afastar o dualismo. Assim, o dualismo de propriedades decorrente da irreducibilidade ontológica conduz Searle às diversas incoerências que encontramos em sua teoria da relação mente-cérebro.

¹⁶ Sobre a concepção de Searle a respeito da explanação causal, cf. Searle (2002, p. 49); Searle (2010, pp. 73-74); Searle (2004, p. 146).

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, D. M. (1991). "Intentionality, Perception, and Causality: Reflections on John Searle's *Intentionality*". In: Lepore, E. (Org.). Van Gulick, R. (Org.). *John Searle and his Critics*. Cambridge (Mass.); Oxford (UK): Basil Blackwell, pp. 149-58.
- CORCORAN, K. (2001). "The Trouble with Searle's Biological Naturalism" In: *Erkenntnis* 55, pp. 307-24.
- CHALMERS, D. (1996). *The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- CHURCHLAND, P. (1994). "Betty Crocker's Theory" [Review on *The Rediscovery of The Mind*] In: *London Review of Books*. Vol. XVI, Nº 9 (12 May), pp. 13-14.
- DESCARTES, R. (1979). *Discurso do método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões da Alma; Cartas*. 2ª Edição. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).
- ECCLES, J. C. (1980). "A Dualist-Interactionist Perspective". In: *Behavioral and Brain Sciences* 3, pp. 430-31.
- FOTION, N. (2000). *John Searle*. Princeton: Princeton University Press.
- GILBERT, M. (2007). "Searle and Collective Intentions". In: Tsohatzidis, L. (Ed.). *Intentional Acts and Institutional Facts: Essays on John Searle's Social Ontology*. Dordrecht: Springer, pp. 31-48.
- GREWENDORF, G.; MEGGLE, G. (Eds.). (2002). *Speech Acts, Mind and Social Reality: Discussions with John R. Searle*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers.
- HODGSON, D. (1994). "Why Searle has not Rediscovered the Mind" In: *Journal of Consciousness Studies*, 1, nº 2, Winter, pp. 264-274.
- KEMMERLING, A. (1994). "Von der Sprache zum Bewusstsein: John R. Searle löst sich vom analytischen Mainstream" In: *Merkur – deutsche Zeitschrift für europäisches Denken*. 48, 5, pp. 432-8.
- KIM, J. (1993). *Supervenience and Mind: Selected Philosophical Essays*. Cambridge UK: Cambridge University Press.

KIM, J. (1995). "Mental Causation in Searle's 'Biological Naturalism'." In: *Philosophy and Phenomenological Research* 55(1), pp. 189-94.

KIM, J. (2005). *Physicalism, or something near enough*. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

KIM, J. (2014). "Causação mental no Naturalismo Biológico de Searle". In: *Perspectiva Filosófica* (UFPE), Vol. 40, Nº 2, pp. 128-35.

MOURAL, J. (2003). "The Chinese Room Argument". In: Smith, B. (Org.). *John Searle*. Cambridge University Press.

NAGEL, T. (1993). "The mind wins!" [Resenha sobre *The Rediscovery of the Mind*]. In: *New York Review of Books*, 4 de março.

NIDA-RÜMELIN, M. (2002). "Causal Reduction, Ontological Reduction and First-Person Ontology. Notes on Searle's Views about Consciousness." In: Grewendorf, G.; Meggle, G. (Org.) *Speech Acts, Mind and Social Reality: Discussions with John R. Searle*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, pp. 205-21.

OLAFSON, F. A. (1994). "Brain Dualism" [Review on *The Rediscovery of the Mind*] In: *Inquiry* (37), pp. 253-256.

PLACE, U. T. (1988). "Thirty Years On – Is Consciousness Still a Brain Process?" In: *Australasian Journal of Philosophy* (66) 2, pp. 208-219.

PRATA, T. A. (2008). "Dificuldades da concepção de John Searle sobre a redução da consciência: o problema das capacidades causais". In: *Princípios*, v. 15, n. 24, pp. 5-29.

— (2009a). "Características e dificuldades do Naturalismo Biológico de John Searle" In: *Philosophos*, Vol. 14, Nº 1, pp. 141-73.

— (2009b). "Pode-se explicar a consciência através de processos cerebrais? Os argumentos de John Searle contra a concepção de Thomas Nagel". *Kalagatos*, Vol. 6, Nº 11, pp. 137-172.

— (2009c). "Irredutibilidade ontológica versus identidade: John Searle entre o dualismo e o materialismo" In: *O que nos faz Pensar*, Nº 25, pp. 107-124.

— (2011). "É incoerente a concepção de Searle sobre a consciência?" In: *Manuscrito*, Vol. 34, Nº 2, pp. 557-78, jul-dez.

- (2012a). “É o naturalismo biológico uma concepção fisicalista?” In: *Principia*, Vol. 16, Nº 2, pp. 255-276.
- (2012b). “Sobre a relação entre as propriedades subjetivas e objetivas segundo o naturalismo biológico de John Searle” In: *Filosofia Unisinos*, Vol. 13, Nº 3, pp. 406-421.
- (2014). “O caráter dualista da filosofia da mente de John Searle”. In: *Discussiones Filosóficas*, Ano 15, Nº 25, Julio-Diciembre, pp. 43-62.
- (2017a). “A concepção disposicional do inconsciente na filosofia da mente de John Searle”. In: *Revista Reflexões*, Ano 6, Nº 11, pp. 201-216.
- (2017b). “Uma crítica à concepção disposicional de Searle sobre os fenômenos mentais inconscientes”. In: Araújo, A. et al. (Orgs.). *Pragmatismo, filosofia da mente e filosofia da neurociência*. São Paulo: Anpof, pp. 387-403.
- (2019). “A teoria disposicional de Searle sobre os fenômenos inconscientes e o problema da eficácia causal”. In: *Pensando – Revista de Filosofia*, Vol. 10 Nº 19, pp. 11-25.
- (2020a). “O problema da explanação da consciência no naturalismo biológico de John Searle”. In: *Disputatio: Philosophical Research Bulletin*, Vol. 9, Nº 14, pp. 137-160.
- (2020b). “Consciência e fenômenos mentais inconscientes: as visões de David Armstrong e John Searle”. In: *Philosophos*, Vol. 25, Nº 1, pp. 237-278.
- (2020c). “Um argumento contra a tese da subjetividade ontológica da consciência no Naturalismo Biológico de John Searle”. In: *Filosofia Unisinos*, Vol. 21, Nº 3, pp. 303-311.
- (2021). “O naturalismo biológico de John Searle, o ponto de vista de primeira pessoa e a recaída no dualismo”. In: *Revista Reflexões*, Ano 10, Nº 18, pp. 26-58.
- (2022a). “A teoria disposicional de Searle e o problema da causação mental inconsciente”. *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 31, Nº 61, pp. 75-96.
- (2022b). “O problema da forma aspectual na concepção de Searle sobre o inconsciente”. *Dissertatio*, Vol. 55, pp. 65-89.
- PRATA, T. A.; LIMA FILHO, M. M. (2013). “Oscilações entre o reducionismo e o fisicalismo não-redutivo no naturalismo biológico de John Searle” In: *Trans/Form/Ação*, Marília, Vol. 36, Nº 2, p. 195-218, Maio/Ago.

PRESTON, J.; BISHOP, M. (Eds.). (2002). *Views into the Chinese Room: New Essays on Searle and Artificial Intelligence*. Oxford: Oxford University Press.

REVONSUO, A. (2018). “Biological Naturalism and Biological Realism”. In: Gennaro, R. (Org.). *The Routledge Handbook of Consciousness*. London; New York: Routledge, pp. 188-201.

SCHRÖDER, J. (1992). “Searles Auffassung des Verhältnisses von Geist und Körper und ihre Beziehung zur Identitätstheorie” In: *Conceptus* XXVI, Nr. 66, pp. 97-109.

SEARLE, J. R. (1980a). “Minds, Brains and Programs”. In: *Behavioural and Brain Sciences* 3, pp. 417-424.

— (1980b). “Intrinsic Intentionality” In: *Behavioral and Brain Sciences*, 3, pp. 450-6.

— (1983). *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.

— (1984). *Minds, Brains, and Science*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.

— (s/d). *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa: Edições 70.

— (1992). *The Rediscovery of the Mind*. Cambridge Mass., London: MIT Press.

— (1994). “Searle, John” In: Guttenplan, S. (Ed.) *A Companion to The Philosophy of Mind*. Oxford/Cambridge MA: Basil Blackwell, pp. 544-550.

— (1995a). *Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes.

— (1995b). “Consciousness, the Brain and the Connection Principle: a Reply” In: *Philosophy and Phenomenological Research*. Vol. LV, nº 1, march, pp. 217-232.

— (1996). “Mentes, cérebros e programas”. In: J. F., Teixeira (Org.). *Cérebros, máquinas e consciência: uma introdução à filosofia da mente*. São Carlos: Edufscar, pp. 61-94.

— (1997). *A Redescoberta da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

— (1999). *Mind, Language and Society: Doing Philosophy in the Real World*. New York: Basic Books.

— (2000). *Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real*. Rio de Janeiro: Rocco.

- (2002a). *Consciousness and Language*. Cambridge (UK): Cambridge University Press.
- (2002b). “Why I Am Not a Property Dualist”, *Journal of Consciousness Studies*, 9, nº 12, pp. 57-64.
- (2004). *Mind: A Brief Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- (2007). “Dualism Revisited” In: *Journal of Physiology* – Paris 101, pp. 169-78.
- (2010). *Consciência e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- (Ed.). (2003). *John Searle*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STICH, S.P. (1987). [Review on *Minds, Brains and Science*] In: *The Philosophical Review* (96), pp. 129-133.
- THOMPSON, D. L. (1986). “Intentionality and causality in John Searle” In: *Canadian Journal of Philosophy* 16, pp. 83-97.
- TSOHATZIDIS, (Ed.) (2007). *John Searle’s Philosophy of Language: Force, Meaning and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.

Recibido: 10/06/2020

Aceptado: 30/10/2020

Este trabajo se encuentra bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0

